

JOSÉ CASADO

Rumo ao futuro, 1998 d.C.

E escolheu um adversário. E agarrou-se à jugular, mantendo-a pressionada com toda a força e energia, no limite do poder. Sob aplausos da maior parte da platéia, demonstrou sua disposição de luta. O cenário não poderia ser melhor para Fernando Henrique Cardoso, ao completar seis meses na Presidência da República:

■ O adversário — a coalizão de forças que já havia batido na campanha eleitoral do ano passado — está terminando este junho abatido nas pesquisas de opinião pública, trôpego nos plenários do Congresso Nacional, desarticulado como frente de oposição.

■ É a primeira vez, desde o fim da ditadura militar, que um presidente civil impõe a essas facções um golpe político tão dilacerantemente eficaz — usou, ao mesmo tempo, a técnica da truculência dos tanques nas ruas (na repressão ao ativismo sindicalis-



O presidente mantém-se navegando nas águas da estabilidade da moeda

ta) e a da negociação nos corredores do Congresso (na aprovação de seus projetos para reforma da Constituição). Sua posição torna-se mais singular ainda porque construiu sua biografia política nessa ala, que outrora era chamada de esquerda.

■ Do outro lado do tabuleiro político, o principal aliado, o PFL, mostra estar consolidando sua posição de liderança no processo de decisões, fruto exclusivo da sua longa experiência no exercício do poder, em que culti-

vou a capacidade e a habilidade de absorver, inverter e transformar pressões para desarmar riscos ao status quo — a acumulação da riqueza.

O resultado deste semestre de embates é um presidente da República com força política renovada, popularidade em alta, comandando um governo que ainda opera como se estivesse em plena campanha eleitoral: limita-se a cuidar do mais importante cabo elei-

toral de Fernando Henrique, a moeda.

Não é pouca coisa. É quase sinônimo de estabilidade econômica, num país de duas décadas de governos indexados a supertaxas de inflação. E a menos que haja uma catástrofe, tudo indica que o real continuará estável no segundo semestre.

Melhor não poderia ser, para um político que, exatos 12 meses atrás, era praticamente um desconhecido do eleitorado, cujos movimentos pendulares na corrida sucessória obedeciam à ansiedade pela segurança econômica. Não há dúvida sobre o principal efeito concreto: ganhou a massa, antes sem nenhum escudo de proteção contra a inflação.

O que está aí sustenta um governante. Porém, certamente, é insuficiente para um governo. A estabilidade econômica não é garantia de desenvolvimento. É apenas uma pré-condição, a da racionalidade no jogo econômico. E ela dá sinais de ter atingido o limite do possível:

■ Convive-se com uma inflação residual de 30% ao ano, resistente e quase imperceptível, mas que é altíssima para um país cuja moeda vale mais que o dólar.

■ Não há sinais de real expansão da capacidade de produção. O que aconteceu, até agora, foi uma ocupação de áreas de produção ociosas. O desemprego mantém-se intacto, na faixa dos 12% da população economicamente ativa. E até dá sinais de possível ampliação (a indústria paulista terminou maio demitindo 380 por dia).

■ Não há, também, sinais de mudanças estruturais na infra-estrutura de educação e saúde do País. O consenso histórico recente, do qual Fernando Henrique foi um dos porta-vozes nos últimos 30 anos, é de que não há lógica no discurso da "modernidade" político-econômica sem a contrapartida na qualidade de vida da sociedade.

O presidente mantém-se navegando nas águas da estabilidade da moeda. O balanço do primeiro semestre lhe é favorável sob esse aspecto. O governo dá sinais de que não pretende ousar ultrapassar esse limite, que pode levar em breve ao entendimento de que, devagar e sempre, Fernando Henrique avança na montagem do cenário para 1998 d.C. — ano da sucessão presidencial, com possibilidade de reeleição.